

# GENEALOGIA DA CRECHE TIA BIRA: ZONA DE MERETRÍCIO INTERIORANA E DISCIPLINARIZAÇÃO DA INFÂNCIA

## GENEALOGY OF THE CRECHE TIA BIRA: ZONE OF INTERNAL PROSTITUTION AND DISCIPLINARIZATION OF CHILDHOOD

Carmen Lucia Fornari Diez **1**

Marina Patricio Arruda **2**

Mary Isolete Silva Duarte Bertel **3**

**Resumo:** O artigo apresenta resultados de uma pesquisa sobre a trajetória histórica da Creche Tia Bira e analisa as relações de saber poder sob a perspectiva genealógica de Michel Foucault. O embasamento teórico permitiu-nos ampliar o olhar acerca da história por meio de vários registros das memórias daqueles que participaram do processo de institucionalização da creche. No decorrer dos estudos, fomos identificando que as relações de poder e saber estão presentes na forma de micropoderes. Para compreender a trajetória da disciplinarização da infância assistida e a identidade da Creche Tia Bira, investigamos as situações que contribuíram para destacar a sua existência e a sua manutenção, percebendo nos detalhes simples e corriqueiros as evidências da constituição de indivíduos úteis que se sujeitavam às práticas desenvolvidas e outros que se rebelavam ao poder exercido pelos adultos. A importância da genealogia está em permitir que os leitores formem a própria narrativa sobre espaço e sujeito que compõem parte desta história iniciada em uma casa humilde da zona de meretrício, cuja existência repercutiu na reconstrução da história de uma cidade.

**Palavras-chave:** Genealogia. Relações de saber poder. Disciplinarização da infância

**Abstract:** The article presents results of a research on the historical trajectory of the Tia Bira Daycare Center and analyzes the relations of knowing power under the genealogical perspective of Michel Foucault. The theoretical basis allowed us to broaden our view of history through several records of the memories of those who participated in the institutionalization process of the day care center. In the course of our studies, we have identified that power and knowledge relations are present in the form of micro-powers. In order to understand the trajectory of assisted child disciplinary care and the identity of the Tia Bira Day Care Center, we investigated the situations that contributed to highlight its existence and its maintenance, perceiving in the simple and common details the evidence of the constitution of useful individuals who were subject to the practices developed and others who rebelled against the power exercised by adults. The importance of genealogy is to allow readers to form the narrative about space and subject that compose part of this story started in a humble house in the Zona de meretrício, whose existence reverberated in the reconstruction of the history of the city.

**Keywords:** Genealogy; relations of knowing power; Childhood Discipline

Pós-doutora em Filosofia pela Universidade Carlos III de Madrid **1** (2016), no Departamento de Humanidades: Filosofia, Language y Literatura, sob tutoria do Dr. Antônio Gómez Ramos. Pós-doutora em Filosofia pela Universidade de Barcelona (2005-2006), sob tutoria do Dr. Santiago Petit. Possui graduação em Filosofia e em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná e doutorado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Atualmente é professora do Mestrado em Educação da UNIPLAC Universidade do Planalto Catarinense na linha de pesquisa Políticas e Processos Formativos em Educação e está vinculada aos grupos de pesquisa NESEF Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino de Filosofia e Educação Filosófica (UFPR). E-mail: miuxe@uniplaclages.edu.br

Graduada em ciências Sociais, mestre e doutora em Serviço Social **2** pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul(2003). Pós-doutora em Educação (PUCRS/2012). Atualmente é professora e pesquisadora nos Programas de Pós-graduação em Educação (PPGE) e em Ambiente e Saúde (PPGAS) da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) É Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Saúde e Qualidade de Vida – GEPESVIDA - que tem como objetivo contribuir com a formação do educador no sentido de promover reflexões baseadas no desenvolvimento da teoria da complexidade ou, ainda, teoria da auto-organização, na perspectiva do resgate do ser de inteireza. E-mail: marinh@terra.com.br

Professora na Educação Infantil da rede municipal de ensino de **3** Lages, SC. Possui aduação em Ciências Sociais pela Universidade do Planalto Catarinense (1989). Possui Especialização em Pré-Escola e Alfabetização (1995), Especialização em Gestão da Escola Pública (1996-1997) e mestrado em Educação pela Universidade do Planalto Catarinense (2016). E-mail: maryberteli@hotmail.com

## A Genealogia:

O estudo aqui apresentado diz respeito ao desdobramento de uma dissertação de mestrado em Educação que teve como objeto o resgate da história de uma instituição de apoio às crianças carentes, que surgiu no início dos anos 60, nomeada Creche Tia Bira num município de médio porte do interior de Santa Catarina.

A referida instituição se consolidou com o acolhimento de filhos de mães prostitutas que levavam suas crianças para serem cuidadas e que, muitas vezes, ali as abandonavam. Investigar a trajetória e a história desta unidade de Educação Infantil permitiu-nos um olhar investigativo constituído por memórias, experiências profissionais e trajetórias para buscar compreender porque a Creche Tia Bira, dentre tantas que atendiam crianças carentes, nos idos dos anos 60 (séc. XX), despertou o interesse da sociedade civil, da mídia e do poder público.

O estudo se pautou nas análises das relações que constituíram a Creche Tia Bira sob a perspectiva genealógica de Michel Foucault. Desvendar esta realidade tornou-se um desafio, pois segundo Diez e Horn, (2004, p.17) “[...]a realidade é inesgotável, não é possível explicá-la totalmente, ou seja, sempre existe o que descobrir”.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade e os sete participantes, que prestaram depoimentos (aqui referidos como D1 a D7, além da própria Tia Bira) foram elucidados sobre as questões que permeiam o integrar uma pesquisa, assinando todos o Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE. A pesquisa contou com a estratégia de agendamento prévio para a coleta dos depoimentos nas residências das pessoas que fizeram parte da história da Creche. Pessoas que se dispuseram a contribuir com a reconstrução da história dessa unidade de ensino permitiram a escuta de histórias e nessa interação estivemos atentos aos acasos, às descontinuidades, às manifestações e jogos de poder vivenciadas nesta instituição pelas crianças, profissionais e colaboradores.

Observando a Creche Tia Bira com um olhar sobre os detalhes das ações sociais que foram exercidas naquele tempo, pudemos perceber alguns efeitos que estas ações produziram no cotidiano daquela instituição. Araújo (2000) afirma que “[...] nas diversas cenas históricas emergem confrontos e embates, emergem as diferenças e as relações de dominação” (p.98). E nesse sentido, cabe salientar que a busca pela história real nos fez investir em documentos, decretos, leis, atas de reuniões e notícias do jornal de circulação local e de jornais de circulação no estado de Santa Catarina entre os anos de 1989 a 2006 além dos depoimentos acima mencionados. Apesar da Creche Tia Bira haver surgido há muito tempo, sua história era pouco conhecida. Para Foucault (2014) “[...] a genealogia constrói a história peça por peça, se revela pelo desconhecido”.

Segundo registros do jornal Diário Catarinense de 14/05/1989 a história de Alzira da Silva (Tia Bira como ficou conhecida) e sua vida dedicada às crianças começou desde a sua adolescência quando com 18 anos deixou de lado as diversões para ajudar a cuidar de cinco crianças adotadas por sua mãe. Com a morte da mãe, Tia Bira com 26 anos ficou responsável pelos cinco irmãos adotivos e pela sua irmã legítima, e mesmo sem condições financeiras assumiu estas crianças como filhos e não abandonou mais o ofício de cuidar das crianças. A casa onde morava nas proximidades do Cemitério da cidade, também ficava próxima à antiga Zona do Meretrício<sup>1</sup>.

O depoimento de D3 vem confirmar esta situação.

[...] A tia, ela, começou a cuidar de crianças, então como tínhamos ali a Zona do Meretrício, algumas mulheres deixavam as crianças temporariamente pra ela cuidar e depois não retornavam mais, aí foi se acumulando, foram vindo uns, foram vindo outros. A gente morava no Triângulo, perto da antiga Tupã, que era bem no foco da Zona do Meretrício e ali as mulheres tinham mais facilidade de ir levando as crianças,

<sup>1</sup> Esta região da cidade não era conhecida pelo nome do bairro e sim como Zona do Meretrício, lugar de muitos prostíbulos. Segundo Tavares (2013) com a pressão da sociedade, igreja e das famílias ditas tradicionais e pela moralidade da cidade, as prostitutas e as casas noturnas foram se mudando do centro para bairros novos da periferia. Havia muitas ruas exclusivas de casas de prostituição. No Triângulo foi montada uma das primeiras e mais famosas casas, de Lages, longe do centro. Neste local, as famosas boates foram deslocadas ou foram montadas luxuosas casas de danças e shows, que recebiam celebridades do meio artístico para shows bastante frequentados.

foram levando umas, foram levando outras, foram levando outras e foi aumentando a família e não voltavam buscar. [...] Devido à proximidade do ambiente, dos prostíbulos que tinham ali nas redondezas, pois aquela redondeza ali era só de casas de prostíbulos e o número de crianças foi aumentando muito mais, muito mais e foi desenvolvendo esse processo, essa foi a situação. (D3)

Aos poucos, essa atividade se transformou em um trabalho assistencial focado no cuidado de outras crianças, pois a luta pela sobrevivência fez com que Tia Bira assumisse esse cuidado junto à comunidade passando a cobrar uma pequena taxa pelo trabalho, que nem sempre era paga.

[...] Começou assim, para eu manter as crianças que estavam comigo eu tinha que ter um meio para me sustentar, daí eu comecei a pegar crianças como se fosse pensão, pra eu manter os outros. Aí foram deixando, foram deixando e não me pagavam a pensão de jeito nenhum e para eu manter os que eu tinha e os outros, eu tive que viver de ajuda e a comunidade começou a me ajudar. (Tia Bira).

Destarte, a remuneração pelos trabalhos prestados pela Tia Bira ao atendimento às crianças, como forma de obter rendimentos para se manter e suprir as necessidades da casa e das crianças que moravam com ela, não aconteceu. No depoimento a seguir, D1, expõe seu ponto de vista por meio de dispositivos de verdade, descrevendo, segundo ela as vantagens e motivos que esta atividade mesmo não remunerada trazia para a Creche, pois a sociedade ajudava com doações de roupas e alimentos.

[...] As mães não pagavam absolutamente nada. Simplesmente entregavam ali a tia Bira absorvia. E ela via, assim na época, que quanto mais crianças ela tivesse, mais doações ela ganhava. Então ela, na concepção dela, ela via isso como um negócio lucrativo. [...] Era lucrativo, exatamente. E mais pessoas se sensibilizavam quanto mais criança tivesse, mais as pessoas da sociedade se sensibilizavam, mais doavam, mais traziam, e obrigatoriamente também, eu mais tinha que me mexer pra suprir as necessidades, e tinha que trazer mais coisas também. Então num dia eu chegava tinha 30 crianças outro dia tinha 35, e eu dizia: - 'Tia Bira, mais crianças?' E ela: - 'ah, pois é, deixaram ali, eu nem vi, quando eu vi estavam ali dentro, não sei nem da onde vieram,' (D1).

Muitas destas crianças eram filhos de prostitutas e mães solteiras e em grande escala eram abandonadas e ficavam aos cuidados da Tia Bira em sua casa. No depoimento de D3, observamos que seu discurso e memória revelam além da sua origem, um sentimento de gratidão pela ação de acolhimento e proteção.

[...] quando eu tinha um dia de vida, minha mãe que era prostituta, me abandonou porque tinha mais quatro filhos pra criar, aí pela vida difícil que levava teve que me abandonar, e como achou a Tia uma pessoa de bom coração me deixou lá. [...] Me abandonou em uma lata de lixo, abandonou a gente lá e a Tia Bira me pegou para criar, com um dia de vida. Continuou me criando e me teve como um filho dela e foi assim que eu entrei na vida da Tia Bira. Eu fui um dos que foi abandonado na porta da casa ela. Eu sou um filho da Tia Bira, com certeza. [...] somente quando eu tinha nove anos eu fui conhecer a minha mãe ela me trouxe uma camisa do Internacional, depois perdemos o contato de novo e só quando eu tinha dezessete anos eu fui encontrar ela de novo (D3).

O abandono de crianças por prostitutas nesta região caracterizava-se de acordo com Tavares (2013) pelo fato do grande número de prostíbulos na região, como decorrência de condições econômicas precárias, com manutenção da impossibilidade de sustento da prole.

[...] Essas crianças eram filhas de prostitutas que as deixavam lá. Algumas pagavam alguma coisa pra Tia Bira, mas era tudo muito camuflado. Outras, simplesmente deixavam lá e nunca mais vinham buscar. Tinham alguns lá, que não tinham ninguém. Aparentemente não tinham ninguém, mas mais tarde a gente foi conseguindo encontrar seus familiares. Mas a gente não conhecia, a gente não via. [...] Eu soube assim: que começou com a mãe da tia Bira, que as mulheres trabalhavam, as mulheres iam ali, deixavam as crianças pra ser somente durante o período diurno e não vinham buscar mais (D5).

Outros depoimentos confirmam a relação do abandono de crianças com a prostituição. Segundo Tavares (2013) o próprio afastamento do parceiro, pai da criança, que ao saber da gestação já manifestava reações de negação ao filho, ou por não ter condições de assumir a paternidade, tanto financeiras como por se tratar quase sempre de relações extraconjugais. A falta de apoio familiar, era outro fator considerando a discriminação que sofriam as moças por serem prostitutas. Uma questão levantada pela obra de Tavares (2013) é que, quando essas mulheres abandonam o filho num lugar onde ele vai receber cuidados e assistência já denota sua preocupação. É uma forma de garantir que seus filhos estejam, pelo menos, vivos e bem cuidados. Por outro lado, muitas vezes o abandono ocorre porque elas preferem ter seus filhos longe da marginalidade onde vivem ou ainda, porque querem deles se livrar. Para Foucault [...] 'é o caso escandaloso que durante muito tempo foi dissimulado e cuidadosamente escondido, que aparece em uma série de questões interessantes [...] duas palavras para resumi-las, poder e saber' (FOUCAULT 2014, p. 4),

Com o passar do tempo, o Lar de Amparo Tia Bira, nome que assumiu, foi transferido para outros bairros e, no início dos anos 70, a mudança definitiva para o bairro Centenário na rua D. Joaquim do Arco Verde, lugar onde Tia Bira reside até hoje, como destaca o jornal "Lugar do passado e do futuro" (Diário Catarinense de 10/10/93).

Em 1984, por meio da imprensa a história da instituição tornou-se conhecida, e naquele momento dezesseis crianças se encontravam sob os cuidados de tia Bira. Depois, outras vieram totalizando crianças de todas as idades. Identificamos também nos depoimentos abordagens referentes ao atendimento e a afetividade da Tia Bira.

[...] Era criança recém-nascida, era criança de 15 dias, era criança de 20 dias, era criança de 2 anos, era criança de 5 anos, era criança de todas as idades; chegou até o número de 53 crianças. E todas essas 53 crianças, dormiam todas no quarto da Tia Bira. [...] Amor e carinho eles tinham por ela. Mas como que eles não vão criar amor e carinho por alguém que nunca exige nada, que não cobra nada, e que acoca debaixo das asas? Aí se você vê duas crianças brigando, uma vem correndo, a Tia Bira acoca. A outra vem correndo e chorando a Tia Bira acoca. [...] Tinham o amor. E as crianças gostavam dela, porque amor e carinho ela dava. Só que eu sempre disse assim: quem ama educa e quem educa impõe limites. E ali não tinha limites. Era da forma que ela achava certo. (D1).

[...] Tinha um tempo que eu tinha uns 60, por aí. E dormiam aqui, porque aqui era tipo um albergue. As crianças moravam comigo. Cada um dormia nos beliches. Em cada um dormia quatro. Daí dava (D2).

Tais depoimentos indicam que a disciplinarização auxilia na difusão de sentimentos de gratidão entre os indivíduos. Esses depoimentos mostram pessoas dóceis e agradecidas. E, nesse momento, os sentimentos se intensificam e se mesclam às lembranças, que são evocadas como

edificantes, conforme depoimento que se segue;

[...] A Tia Bira gosta muito, muito, muito. Elas sentiam um carinho muito grande por ela. Muito grande. Era a mãezona. E ela transmitia esse amor. Muitas vezes do jeito dela. Ela até com a saúde um pouco estremecida, ela deitava na cama dela, ela colocava 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 na cama dela. Tudo empoeirados faziam xixi nela e tudo, e por aí adiante. Mas o carinho era mútuo. Inclusive os adultos. Eles tinham um carinho muito grande por ela (D4)

[...] Pra mim, realmente, ela era uma pessoa boa, que pegava as crianças, 'cuidava', porque cuidado eles não tinham nenhum, então a gente tinha que ajudar. [...] Eles abraçavam, eles beijavam. Ela era a mãe que eles não tinham. Tanto é que tinha uns que chamavam de avó Bira, de mãe Bira (D6).

Na reflexão Foucaultiana o poder mantido sobre as pessoas ou grupos sociais nem sempre é perverso, ele pode produzir positivities sociais, políticas e econômicas. É o controle pelo uso de um conjunto de elementos distintos. A casa conhecida como Lar de Amparo Tia Bira, era comumente chamada de Creche da Tia Bira. Segundo Souza (2008) a partir de 1983 o governo municipal adotou por meio da Secretária de Assistência Social a proposta de atendimento domiciliar, inserindo no município o regime de Creches Domiciliares. Estabeleceu-se um convênio entre prefeituras e LBA (Legião Brasileira de Assistência) com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina. Souza (2008) destaca que o mesmo consistia em organizar creches em casas de mães da própria comunidade, as quais recebiam um salário para atender de cinco até dez crianças. Para as crecheiras eram disponibilizados alimentos e treinamento para os cuidados dos pequenos.

Entretanto, embora o município oferecesse esse atendimento, ele ainda se destacava do atendimento oferecido pela creche da Tia Bira, que não tinha cadastro das crianças e nem estava inserida no projeto de Creches Domiciliares do município. Os serviços prestados por ela às mães daquela comunidade, se caracterizava por ser um atendimento independente e informal.

Com o passar do tempo muitas pessoas foram conhecendo o trabalho da Tia Bira e colaborando com doações de alimentos, roupas e calçados. Muitas pessoas queriam prestar auxílio àquela mulher que atendia tantas crianças.

[...] Recebíamos muita ajuda. A comunidade esteve sempre muito presente. Principalmente a comunidade interiorana. O pessoal que morava no sítio. Eles traziam muita carne, eles traziam muita verdura, frutas, então vinha muita coisa das pessoas do interior, pra auxiliar na creche. [...] Então, a gente nunca passou uma necessidade muito grande, porque a comunidade sempre esteve presente e ajudando com tudo. Então sempre tinha em excesso lá em casa. [...]

Investigar sobre essa realidade é um desafio, pois ela se refere a particularidades de cada tempo e lugar. Em cada contexto existe uma rede microfísica, é preciso de acordo com Araújo 2000, “[...]fazer emergir os feitos das práticas. O biopoder requisita a disciplina do corpo e o controle geral da população (p.179)”. Segundo Foucault é preciso observar a prática do poder como algo que permeia as relações humanas nos seus vários âmbitos. Foucault não se preocupa em definir o que é o poder mas em analisar como ele trabalha na realidade social. Por isso investe num trabalho genealógico que visa desvelar as práticas de poder desde a sua gênese, como ele mesmo afirma, “[...] tornar visível o que precisamente é visível” (FOUCAULT, 2006, p. 44), ou seja, focalizar o olhar.

Nesse sentido, um lado obscuro e contraditório da história da Creche Tia Bira também apareceu em outros depoimentos colhidos para esta pesquisa:

[...] Eu vi um amontoado de crianças dentro de um espaço físico; uma senhora, a Tia Bira, com muita boa vontade,

rodeada por aquelas crianças. A casa, pra me receber naquele dia, estava mais ou menos em ordem, porque eles tinham arrumado pra me receber. No início, eles levantavam de madrugada pra arrumar a casa pra me receber, antes de eu chegar, porque a minhas aulas eram na cozinha, na sala, junto com todo mundo. Não tinha nenhuma estrutura, eles não sabiam nem comer com talheres. Eles não sabiam se comportar, condições precárias, onde as crianças faziam suas necessidades físicas em qualquer lugar, muita sujeira, muito piolho, muito nariz sujo, muita roupa jogada. [...] eles ganhavam muitas roupas, eram muitas crianças, pra lavar as roupas. E muitas vezes eles faziam um amontoado de roupa e em vez de lavar eles tacavam fogo pra esperar chegar outras. Era muito tudo o que você pode imaginar, menos um espaço digno pra que eles pudessem ter uma vida digna. Era uma situação muito difícil e viviam realmente em condições sub-humanas (D4).

Assim, buscando compreender e interpretar a história, identificando as relações de saber e poder vamos percebendo questões relacionados a higiene e organização dos espaços. O poder se estabelece por meio de uma série de práticas que configuram as relações que se dão em todas as instâncias sociais a partir das mais capilares, em uma rede microfísica. Enfim, as relações de poder se fazem presentes no tecido social por meio de práticas variadas como essas descritas acima. De acordo com Araújo 2000, a genealogia deseja tratar da história, dos discursos e dos aparelhos, observando os efeitos que eles produzem sobre os corpos.

[...] Adultos e crianças eram misturados. Menina e menino era tudo misturado. Pra você ter uma ideia, eles não gostavam nem de andar de roupas. Se eles sujavam aquela roupa, ou se eles não gostavam daquela roupa, eles tiravam e ali eles jogavam. Se eles tinham vontade das necessidades, eles faziam na calçada, eles não iam até no banheiro. A questão de higiene também era bem precária. Eles ganhavam roupas, e nos fundos tinha a área de serviço, e tinha uma pilha de roupas até no teto. Eu acho que era isso. Eles tinham de mais, então não davam valor. Eles não lavavam, eles jogavam fora. Era roupa jogada no pátio. (D5)

Revel (2005) destaca que o discurso geralmente é um conjunto de enunciados, que obedecem regras de funcionamentos que são comuns, podendo pertencer a campos de atuação diferentes. Os discursos refletem as verdades marcadas na história, pois o poder, para Foucault não é algo estático, mas circula, como “[...] um conjunto de ações sobre ações possíveis, ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos(...) mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou várias sujeitos ativos (1995, p. 243).

Neste sentido, é preciso pensar que o poder tem a ver com um campo de relações estratégicas que condicionam uma série de práticas por meio das quais ele é exercido. As práticas destacadas pelo discurso do D5 mostra um mecanismo que induz uma ação, uma forma de condução de condutas.

A casa onde as crianças moravam e eram atendidas não tinha a infraestrutura necessária às condições de vida digna, não garantia qualidade vida à demanda que a cada dia aumentava. Assim, de acordo com Silva (1998), Tia Bira tinha boa intenção e o desejo de cuidar daquelas crianças que iam crescendo e auxiliando no cuidado e criação da demais que chegavam. Porém as condições de higiene, saúde, educação e alimentação eram precárias. Vejamos os depoimentos contraditórios.

[...] Nós sempre gostamos de limpeza. Eu ganhava as roupas de cama e tem gente que me dava e vinha aqui que não acredita que eu ainda tinha. As roupas não era muito, mas era sempre limpinho. Tinha um quartinho cheio de roupa. Eu

toda a vida eu fui de muita sorte. Eu ganhava muita coisa. (D2)

[...] E a casa era num piso só, na altura da rua, eu me lembro que daí a gente foi conhecer, e embaixo, tinha assim um porão, um desnível do terreno e ali escorria toda a água, de lavar a louça em cima, água com sabão, com gordura, com tudo e virava aquele lamaçal fedorento mesmo, com mal cheiro e ali as crianças brincavam dentro daquilo, e tinha um latrina, uma patente daquelas que mudava de endereço quando enchia o buraco. Quando enchia o buraco, eles faziam outro buraco e assim ia mudando no terreno pra lá e pra cá. Então, me deu assim uma péssima impressão. (D1)

Haverá sempre o olhar classificador, segundo Foucault (2004) haverá em todos os lugares olhares determinados a vigiar, a recompensar, a classificar. Com o intuito de estabelecer um valor a cada indivíduo. Isso é exercer o poder através do discurso. Este olhar classificatório pode ser percebido nos depoimentos que seguem:

Lá a gente fazia tudo. Cuidava dos piolhos, porque tinha criança que tinha buraco na cabeça, os piolhos atacavam. Então a gente tinha que primeiro passar um remédio pra cicatrizar pra depois passar outro para os piolhos. Então a gente primeiro fazia essa parte da higiene, pra depois começar a ensinar. (D5).

As crianças passavam muitas necessidades principalmente com alimentação, pois às vezes não tinham nem o que comer, ou seja, faltavam os ingredientes e também não havia utensílios suficientes nos quais se pudesse servir a todas.

[...] aí chegou a hora da janta das crianças, era umas seis e pouco da tarde, e percebi que tinha uma mesa, pra 16 crianças tinha uma mesa de mais ou menos 80 por 80 centímetros. E aí a tia Bira mandou uma das pessoas adultas que tinha ali dentro servir a janta, e era assim, mais ou menos uma colher de arroz pra cada pessoa, pra cada criança, uma colher de arroz seco, e ela serviu num prato, eu me lembro, que era um prato cor de rosa ainda, com um pedaço quebrado assim, na lateral, ela botava aquele arroz ali dentro e cada criança pegava com a mão. Um prato pra todas. (...) Eu lembro que me sensibilizou também o clima, né. Ela sem lenha e sem comida.(D1).

Estes micropoderes podem ser identificados no poder exercido por indivíduos consideradas frágeis, através da própria vitimização, indivíduos que desenvolvem a arte de governar manipulando a maneira de gerir os indivíduos, os bens e a sua própria família, beneficiando-se com as ações sociais que desenvolvem. Foucault (2014, p.164 ) destaca “[...] que o objetivo do exercício do poder será manter, reforçar, proteger este principado, entendido não como o conjunto constituído pelos súditos e o território, o principado objetivo, mas como relação do príncipe com o que ele possui, com o território que herdou ou adquiriu e com os súditos.”

De acordo com o jornal local, Correio Lageano, de 05 de março de 1989, em comemoração ao dia Internacional da Mulher, a entidade Lar das Meninas, juntamente com o Clube 14 de Junho, promoveram um jantar festivo intitulado ‘Mulher sempre Mulher’, onde foram homenageadas as mulheres lageanas, que com seus trabalhos ajudaram a cidade a construir um ‘mundo melhor’. Destacamos aqui o reconhecimento da sociedade lageana pelo trabalho de atendimento a várias crianças carentes no Lar de Amparo às Crianças Tia Bira, e neste dia, Alzira da Silva (Tia Bira) recebeu o diploma Mulher/89.

Em 18/05 deste mesmo ano o Correio Lageano publicou que em sessão solene no dia em 16/05 Tia Bira recebeu da Câmara do Município de Lages o Diploma de Honra ao Mérito, pelos relevantes serviços prestados à infância lageana.

As palavras do vereador e autor do projeto que concedeu o título de Honra ao Mérito, à Tia

Bira, destacam seu reconhecimento.

[...] Fico lhe devendo palavras mais bonitas e sensíveis, Tia Bira, porque não tenho o dom de pronunciá-las. A Senhora bem as merece, pelo seu desempenho, pela grandiosidade de sua obra social e acima de tudo pela perseverança e vitória sobre os obstáculos enfrentados hoje. (CORREIO LAGEANO 18/05/1989).

De acordo com a publicação, a homenageada recebeu a designação e agradeceu com lágrimas nos olhos. Seu trabalho foi sendo conhecido e reconhecido, apesar das dificuldades encontradas.

Para Revel (2005) a verdade está centrada no discurso e trazem consigo as características do próprio regime de verdade. Onde vai se reconstruir a verdade a partir da história. Os tipos de discursos que são acolhidos fazem funcionar como verdades.

O trabalho voluntário e a colaboração da sociedade passaram a suprir as necessidades básicas da casa. Zago (2002) relata que aos poucos a comunidade foi se sensibilizando com a precariedade das condições em que viviam as crianças e faziam doações de alimentos e roupas para a Tia Bira, que a cada dia acolhia mais crianças na sua casa.

Com este movimento houve um aumento considerável no número de atendimento e em 1991 a Tia Bira atendia 53 crianças e adolescentes, juntamente com 12 adultos que já viviam naquele ambiente. A sociedade fazia as doações, mas faltava uma ação educativa para mudar as condições de atendimento.

Os depoimentos com suas contradições, referentes à escola, nos fazem algumas revelações e que permitem reflexões;

[...] As crianças iam para a escola, faziam primeira comunhão, tudo direitinho, os menores ficavam comigo E na escola, quando tinha reunião de pais, eu ia. Ia em dia de festa, em tudo eu ia Acompanhava eles como filhos mesmo. (D2).

Araújo (2000) evidencia ainda que o poder disciplinar não descarta as relações de poder ou outros tipos de poder. São transformados e apresentados à sociedade, de forma mais amena ou mais cruel e seus efeitos são longínquo. Na análise de Foucault (2014) “[...] a bela totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida ou alterada por nossa ordem social, mas nela o indivíduo é cuidadosamente fabricado segundo toda uma tática das forças e dos corpos”.

A disciplina da Tia Bira sempre foi sempre muito rígida. Nós, hoje, dos mais velhos, antes do estatuto da criança e do adolescente, nós éramos educados com uma rigidez bem acentuada Antigamente bastava a Tia olhar pra gente que a gente já entendia o que que era pra fazer ou pra não fazer. E hoje não existe. A gente já não vê essa situação na convivência com os filhos. Eu tinha 18 anos, estava praticamente fazendo escola na Polícia Militar, tomei meu primeiro gole de bebida alcoólica, a Tia Bira desceu lá onde a gente estava, em uma festa de São João, tomou o copo da minha mão e me deu um tapa na cara. Dali pra frente eu disse que nunca mais ia beber, a partir daquele instante. Tamanha era a rigidez da educação que ela tinha dado pra gente, porque a gente fazia as coisas escondido e ela corrigia imediatamente. Então era bem interessante isso, essa educação. (D3).

Estabelece-se aqui um dispositivo de disciplinarização, apontando a partir de ações sociais, enquanto formas de estabelecer a ordem através da relação de poder, buscando o envolvimento de segmentos da sociedade, apesar de representar ações importantes para que ocorram mudanças sociais.

Pelos depoimentos, observamos também que não existia uma rotina, nem uma disciplina

específica a ser seguida, não se fazia muita coisa além de ‘cuidar’. Os professores que foram sendo inseridos no contexto, pensavam e queriam, corroborando com Foucault (2004), um controle com normas, uma vigilância que permitia classificar, comandar e punir dentro da creche.

Numa perspectiva Foucaultiana de acordo com Araújo

[...] Somos uma sociedade que inventou os aparelhos que regulam os corpos para melhor controlar as almas. Não através de poderes maciços, usurpadores, dominadores, mas de micropoderes, que vão do simples castigo até a prisão. Esses micropoderes longe de abolirem os macropoderes, os sustentam e multiplicam seus efeitos (2000, p.70).

Para Diez (1993) o dispositivo disciplinar enquanto poder e tecnologia, percorre os vários segmentos da sociedade, está presente nas instituições públicas e privadas e aparelhos diversos, articula-se através das relações sociais estendendo-se, juntando-se e associando-se para a manutenção da sociedade disciplinar. Nela o poder surge e é difundido por uma rede microfísica.

Vencido o primeiro desafio que era alimentar as crianças, iniciou-se um projeto educativo, destaca-se aqui, que o objetivo era formar as crianças abordando aspectos relacionados ao ensino-aprendizagem.

Para a implantação desse processo educacional foi necessária a contratação de uma professora, que iniciou suas atividades em fevereiro de 1991. (SILVA, 1998). D4 destaca: [...] e eu comecei a trabalhar com educação de base, porque o objetivo era um apoio escolar, um reforço escolar.

Os recursos para o pagamento do salário no valor de duzentos dólares vieram através do Instituto *Musik and Kind*, da Suíça, por um período de dois anos e meio, por intermédio do maestro suíço Alex Eckert e seu trabalho social. Abrimos aqui outro parêntese para explicar como o suíço Alex Eckert conheceu o trabalho da Tia Bira e o porquê se interessou em ajudar.

De acordo com o jornal *Correio Lageano* de 03 e 04/03/90 Alex Eckert é maestro e presidente da Fundação *Musik and Kind* (Música e Criança), há mais de 20 anos, na cidade de Basileia, Suíça. Ele dirigia um centro cultural e filantrópico de artes e ministrava aulas de dança, teatro, mímica e pintura, trabalhando com crianças carentes, além de fazer trabalho voluntário em seu país e fora dele. Alex veio a Lages – SC, a convite de um casal que o conheceram quando estavam em viagem pela Europa.

O depoimento de D2, apontou, que Tia Bira não tinha claro quem era o Maestro Alex e qual era o intenção do seu trabalho com as crianças atendidas.

Eu tinha um pensionista da suíça aqui, que ele veio pra cá pra ficar na casa de um amigo dele, e daí trouxeram ele pra me conhecer e ele gostou de mim, o nome dele era Alex. Gostou demais de mim e por causa das crianças, quis ficar aqui. Então quando queimou a casa, queimaram todas as coisas dele. Daí voltou, mas logo em seguida, ele foi embora. Ele veio pra passear. E daí disseram que iam levar ele na minha casa, na casa de uma pessoa que ele ia gostar. E daí ele gostou tanto que quis ficar aqui. Ficou uns seis meses, eu acho. Junto com a criança. Dormia lá em cima no quarto e tinha umas crianças pra dormir junto com ele.

De acordo com o jornal *Correio Lageano* o Maestro Alex Eckert, ofereceu um jantar numa cantina da cidade, “[...] procurando transmitir integração na comunidade, mostrando o lado social, com amor e carinho”. (CORREIO LAGEANO, 03 e 04/03/1990). D1 relata:

[...] Ele voltou. Aí ele disse pra mim, lá na casa da tia Bira: - ‘Rose, hoje eu quero levar todas as crianças pra jantar num restaurante. Você reserva um restaurante na cidade. Onde você quiser, que nós vamos levar as crianças no restaurante’. As crianças vão ficar deslumbradas, porque nunca saíram do bairro. Imagina, naquela pobreza que só comiam o resto dos

outros; a roupa era o resto dos outros... Ele me falou isso de manhã em casa e liguei, pra cantina e reservei 60 lugares. As 53 crianças, a Tia Bira, e alguns, convidados, pra de noite jantar. Aí quando tinha reservado, eu me lembrei: - 'Meu Deus, essas crianças não tem roupa pra ir. Com que elas vão? Essas tralhas? Elas só tem trapo pra vestir.' E era verdade mesmo. Aí eu cheguei lá às duas horas da tarde e disse pro Alex: - 'As crianças não tem roupas pra vestir, nem calçado pra ir no restaurante. O que as pessoas que estão no restaurante vão dizer, delas vestidas do jeito que estão?' Daí ele disse: - 'não tem problema, nós vamos numa loja e compramos roupa para todas essas crianças'. O que eu fiz: peguei uma lista com o nome de cada criança, idade e o tamanho que mais ou menos vestia, e viemos eu e ele na loja, e passamos a tarde comprando roupa, cheguei de volta era seis horas da tarde. Quando eu vi aquelas crianças tomada banho, com roupinha e calçado zero, eu chorava tanto. (D1)

A divulgação do amparo que Tia Bira prestava foi ampliando sua imagem na sociedade como pessoa caridosa, abnegada, que recolhia filhos alheios sem nenhum interesse que não o de fazer o bem. O mito chegou à Suíça, impressionando outra pessoa também com sentimentos humanitários desenvolvidos.

É de mister resgatar algumas reflexões a respeito da filantropia. Foucault (2004) nos lembra que a matriz pobreza, ignorância, preguiça e suscetibilidade aos vícios, era consenso liberal do início do Novo Regime e veiculada nos jornais, e principalmente pela filantropia. Esta, dedicada a auxiliar a corrigir os inferiores, era corrente avançada e divulgada cotidianamente. Descendente direta do liberalismo, foi alimentada fartamente dos mananciais utilitaristas de Bentham.

Em História da Loucura Foucault (1978, p. 143) mostra que a filantropia idealizou o espaço social "...como uma estrutura de continuidade moral e efetiva que distribui as doenças segundo domínios separados pertencentes a um campo homogêneo, onde cada miséria se dirige a cada homem segundo a eventualidade sempre ocasional, mas sempre significativa de sua passagem."

Voltando ao jantar oferecido pelo suíço, as ações e os discursos que integram os regimes de verdade estão inter relacionados. As crianças são os corpos dóceis, submetidos a uma disciplina e a um padrão de comportamento presente na sociedade contemporânea. O ato filantrópico causou comoção e muito trabalho à instituição. Proporcionou às crianças um dia similar aos de contos de fadas e, certamente, satisfaz às almas caridosas: "Ninguém entendia o que estava acontecendo. Eu acho que até as maiorzinhas não entendiam sabe? Porque nunca tinham visto isso. Todo mundo tomando banho, se vestindo com roupa nova, aquilo era um mundo totalmente diferente. Nunca tinham saído do bairro." (D7)

Não obstante, o conto fabuloso continuou e cresceu: Aconteceu então uma viagem com algumas crianças para a Basileia, na Suíça, onde foi realizado um show beneficente em prol da Creche Tia Bira. Alex...

[...] escolheu as crianças, duas de seis anos, uma de sete e uma de oito. Quatro crianças, uma de cada cor, tipos bem diferentes. Uma parecida com uma indiazinha, outro bem moreno, azul até, de tão moreno, outra bem loirinha, nós chamávamos ela até de Xuxa, o nome dela era Ariane e outra assim, cabelo mais ou menos vermelhinho. (D7)

Os discursos nos fazem refletir que o poder traz uma abordagem no sentido de discutir as relações dos indivíduos com as verdades, está em todas as partes e provoca mudanças nas ações e nos discursos. Somos forçados a produzir as verdades. O poder exige essas verdades. Foucault (2004, p. 204) destaca "[...] é pela disciplina que as relações de poder se tornam mais facilmente observáveis e é pelo poder que se estabelecem as verdades".

Devido aos novos acontecimentos, com a parte de atendimento às necessidades básicas era urgente a contratação de uma professora para atuar com as crianças em idade escolar,

encaminhando-as para a escola regular e dando o apoio escolar necessário em horário contrário ao escolar.

A partir do momento em que a professora veio trabalhar no espaço da casa da Tia Bira, as crianças foram inseridas num outro convívio, que era que vinha de fora. A comunidade teve várias reações. Mas uma vez destaca-se o dispositivo do 'panóptico', trazendo a disciplina como ponto. Foucault em sua obra: *Vigiar e Punir* (2004), traz uma reflexão sobre a maneira eficiente de atender ao comandos, para atingir o objetivo de disciplinar os corpos.

Aspectos relacionados à disciplina, limites e organização foram relatados nos depoimentos, das outras professoras que foram atuar com as crianças posteriormente na casa da Tia Bira. Poder e disciplina, aspectos presentes na rotina da Creche.

Quando falamos de disciplina, identificamos os processos disciplinares no modo de agir e falar. Desta forma Foucault (2004) destaca que o poder se manifesta quando identificamos quem manipula, a partir de ações vinculadas a obediência, treinamento e obrigações.

Quando as crianças ficam nas instituições onde o corpo docente vigia suas ações e atitudes, estão sob o olhar de quem controla e estão em constante avaliação. Nesta relação controlados e controladores formam um sistema de controle disciplinar. Foucault (2004, p. 196) estabelece que "[...] o exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam".

Problematizações sobre o que impedia aquela instituição de alcançar maiores avanços fez com que se pensasse na necessidade de separar a casa Lar das Crianças e a parte Escolar/Educacional. Providenciou-se então a mudança da parte educacional para outro local. Ao lado da casa lar.

O trabalho de mobilizar e sensibilizar a sociedade lageana se intensificou e de acordo com o registro da Ata da Reunião nº 1 em 12/06/1992, foi fundada a Creche Tia Bira, uma entidade civil e filantrópica sem fins lucrativos, com Estatuto próprio, e diretoria constituída por pessoas da sociedade civil e empresários, que habitualmente auxiliavam a entidade com donativos.

Em agosto de 1993 teve início a 1ª Campanha em prol da Creche Tia Bira, intitulada SOS Creche Tia Bira, para a construção e manutenção da creche. Diretoria e voluntários da comunidade trabalharam com venda de rifa, sorteio de prêmios, pedágio e jantar. De acordo com o Jornal Correio Lageano de 31/08/1993, "[...] esta campanha tem o objetivo de suprir as necessidades básicas das crianças, com alimentação, educação, saúde, propiciando a melhoria na qualidade de vida".

[...] Comecei uma campanha 'SOS Creche Tia Bira: Vida Nova', pra arrecadar coisas pra creche, pra instituição em construção, que eu vi que o custo das coisas estava aumentando. E todo mundo dizia pra eu fazer a rifa de um carro, mas eu não tinha dinheiro pra comprar um carro, não sabia fazer rifa de carro. E disseram pra mim: - 'Fale com o amigo da banca, ele sempre faz rifa de carros'. Um dia eu me encontrei com ele e pedi a ajuda dele pra rifar um carro. Ele disse: - ' não tem problema, eu te ajudo. Você tem algum dinheiro pra comprar o carro? - 'Nada. Eu não sei nem por onde começar, por isso que eu vim falar com você'. Ele disse que primeiro nós precisávamos de um carro, porque se não tivesse um carro, não tinha como mostrar no calçadão pra vender a rifa. Estava pra lançar um novo fusca, e custava uns 6.000 dólares, e um amigo do Hernani acabou pagando pelo carro, mas não quis revelar quem era. Nós vendemos 600 blocos com 20 bilhetes cada um, então eram 12.000 bilhetes a 5 reais cada um. No dinheiro de hoje, dava 60.000 reais. E nós fizemos um pedágio da campanha, foi a rifa e foi um jantar. Foi um jantar mais refinado, com um preço melhor, nós pagamos alguém pra fazer a janta. Tudo isso deu um resultado positivo. (D1)

Assim por vários anos, nove campanhas como esta com rifas de carro, foram feitas para a manutenção deste espaço educativo. Sempre promovida pela diretoria da creche com o apoio da

sociedade, órgãos públicos e voluntários da comunidade.

Em setembro de 1993, Zago (2004, p.29) disse que “[...] a casa da Tia Bira, foi acometida por um sinistro, causado por um incêndio acidental, destruindo totalmente as suas instalações. Não houve vítimas.” Com a ajuda, Poder Público Municipal, que arcou com toda a construção, da sociedade lageana e diversos segmentos em menos de dois meses a Casa da Tia Bira foi reconstruída. Neste breve período de tempo as crianças foram atendidas no CAIC Nossa Senhora dos Prazeres.

O Correio Lageano de 05/09/93 noticiou que um incêndio, ocorrido no dia anterior destruiu totalmente as dependências da Creche Tia Bira. O corpo de bombeiros foi chamado para controlar o incêndio que tomou conta do lugar. Segundo o jornal “Não houve vítimas, pois as crianças foram retiradas do local em segurança. Todos os mantimentos, roupas e móveis foram consumidos pelo fogo”.

[...] Talvez o sinistro, no momento, tenha sido muito ruim, mas que pensando hoje, tinha que acontecer. Eu acho que queimou o que tinha que ter sido queimado. Acho que o sinistro foi um ponto muito marcante.(D4).

As crianças, juntamente com a Tia Bira ficaram alojadas durante 45 dias no Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Santa Catarina, onde receberam todo o apoio até fossem concluídas as novas instalações. No depoimento e D1 observamos o encaminhamento de ações após o incêndio.

O CAIC caracterizou-se em um espaço onde as crianças, juntamente com a Tia Bira saíram do seu lugar de origem e ficaram expostos aos olhares e comentários de outras pessoas que não participavam do convívio diário daquele grupo. Observamos nos depoimentos que os limites que não tinham na casa onde moravam se mostraram também no espaço desconhecido.

Os cuidadores, na realidade a tia Bira não queria muito que fossem pra lá no CAIC, porque lá não tinha condição dela mandar. Sempre aquela resistência da tia Bira. Mas a tia Bira, eu consegui conquistá-la. Eu me dava muito bem com ela. Muito bem. No fim deu tudo certo. (D4)

Ao fundir o governar e a mentalidade, Foucault (2014) enfatiza a interdependência entre a prática de governar e o exercício de governar, incluindo ética, governo do outro. Nos discursos identificamos o governo fora do ambiente conhecido.

Depois incêndio veio a reconstrução. A prefeitura, através da secretaria de obras, trabalhou na limpeza e retirada dos entulhos para em seguida reconstruir a creche. O trabalho foi intenso e em 52 dias a casa foi reconstruída, no mesmo local que está até hoje. A sociedade e empresas ajudaram com a doação dos móveis, utensílios e roupas de cama. A arquitetura da nova sede é majestosa, lembrando uma igreja.

O Jornal Correio Lageano de 26/10/1993, publicou que a Tia Bira e as 53 crianças retornam para a nova casa “[...] transbordando de alegria, com sorrisos nos lábios”. Entre o incêndio da casa da Tia Bira e a reconstrução da nova morada, a obra da construção da Creche Tia Bira não ficou parada. E no dia 17 de junho de 1994 aconteceu a inauguração da nova creche construída bem em frente à nova casa da Tia Bira. Uma grande construção, arquitetonicamente planejada segundo novos padrões pedagógicos e de higiene.

A partir da inauguração do novo espaço educacional, ampliam-se as práticas de controle e disciplina. Crianças e adolescentes estão sujeitados a comandos e ordens, vinculados a uma forma de governar que Foucault (2014, p. 170) caracteriza como a arte de governar a partir da arte de exercer o poder. A disciplina segundo Foucault (2004. [s.p]) baseada no modelo do ‘panóptico, onde a vigilância da conduta de comportamentos individuais e coletivos estavam muito presente neste espaço.

Silva (1998) ressalta que a partir desta data as 53 crianças da casa e mais 70 crianças do bairro Centenário, frequentaram a creche de segunda a sexta feira das 07h45min às 18h00min em um espaço especialmente construído e preparado para atender as crianças com alimentação, educação, saúde e recreação, com professores capacitados contratados pela Secretaria Municipal

da Educação e equipe multidisciplinar contratada pela Secretaria Municipal da Saúde. Durante a noite voltavam para a casa da Tia Bira, ou seja, passavam o dia em um ambiente ultra moderno e a noite retornavam ao espaço que havia provocado a mobilização da sociedade para a construção da nova instituição.

[...] Eram as 53 da tia Bira e mais 70 da comunidade. Eu comecei com 120 crianças. No dia seguinte da inauguração já começou a funcionar. Nós antecipamos as matrículas. Um mês antes eu consegui os profissionais do Coruja e uns 15 dias depois os profissionais já começaram e eu comecei a direcionar como que eu queria que elas trabalhassem. Aí a gente já abriu as matrículas, eu já mandei fazer os uniformes. Eu já tinha tudo pronto no dia da inauguração, pra já no dia seguinte começar a funcionar. (D1)

A formação de equipe multiprofissional evoca a Microfísica, quando Foucault lembra sobre saber e poder na consolidação dos modos de disciplinarização da prisão e das instituições austeras: [...] “A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos ‘degenerados’”[...] (Foucault, 2014, [s.p.]).

Avanços importantes foram verificados após a implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente e do processo educacional, mas que ainda não eram o ideal. Silva (1998) expõe que entre os anos de 1994 e 1995 foram feitas reuniões com a Diretoria e órgãos competentes entre eles Promotoria e Juizado da Infância e Adolescência, Conselho Tutelar, visando reordenar o trabalho na casa da Tia Bira, pois foram apontadas irregularidades na casa onde as crianças moravam, entre as quais podemos ressaltar a superlotação do espaço físico falta de higiene e cuidados com as crianças, atendimento de crianças, adolescentes e adultos onde conviviam sem trabalhos direcionados por faixa etária, as crianças conviviam com os adultos com comportamento censurável, presenciando atos como o uso de drogas e prostituição entre outros, sendo considerados fatos preocupantes, expondo as crianças a um ambiente que apresentava vulnerabilidade, gerou situação insustentável.

Pela janela. O muro que separava as casas era baixo e a casa da tia Bira era alta, então eles ficavam nas janelas da casa da tia Bira instigando os que estavam ali. Aí eles instigavam as crianças pra roubar. E de vez em quando você via as crianças levando um saco de leite, uma bolacha, pros adultos, porque já não tinha tanta coisa lá na casa da tia Bira. Na hora do almoço, ficavam todos juntos, na hora do banho dos adultos, a gente via de tudo. Tinha um rapaz que lidava com saravá, então ele atendia as clientes dele lá em cima, tinham as meninas que recebiam os seus namorados, os seus clientes lá na casa. Então tudo isso, a gente partilhava, com as crianças ali. Veio o ECA, então a gente tinha que abrir a boca e falar, porque a gente chegava de manhã e as crianças contavam coisas horrorosas. E eles usavam as crianças pra conseguirem o que eles queriam Eles usavam as doações, eles vendiam pra comprar cigarro, pra comprar bebidas. Quando a gente entrou lá, a gente estava entrando num lugar que não era teu, e ainda estava criando um atrito, porque começou a tirar dali de dentro e a contar o que estava acontecendo. (D6).

De acordo com Diez (2001) um dos principais instrumentos de controle é a vigilância manifestada na visibilidade e na virtualidade. Estas vigilâncias se expressaram nas ações, falas e atitudes descritos nos depoimentos. As leis, os órgãos de direitos e justiça, também são instrumentos de vigilância e controle da sociedade e fazem papel do Panóptico, assim como professores nas instituições e os guardas nas prisões.

Veio então o questionamento: “Quem permaneceria em sua casa? Tia Bira optou pelos adultos com quem estava há mais tempo e por quem os laços afetivos eram mais fortes” (SILVA 1998, [s.p.]). A tia Bira disse:

[...] os adultos ficam comigo. E as crianças, vocês façam o que vocês quiserem [...] E analisando por outro lado, ela tinha um vínculo com os adultos. Ela criou esses adultos desde que a mãe dela morreu. E ela era solteira e nunca teve filhos, então era a 'família' dela. (D1)

### **Considerações finais**

O propósito desta pesquisa foi o de fazer a trajetória histórica da Creche Tia Bira, analisando as relações de saber poder sob a perspectiva genealógica de Michel Foucault.

O embasamento teórico permitiu-nos ampliar o olhar acerca da história por meio de vários registros das memórias daqueles que participaram do processo de institucionalização da creche. No decorrer dos estudos, fomos identificando que as relações de poder e saber estão presentes na forma de micropoderes e as verdades foram surgindo à medida que essas relações foram acontecendo e pudemos de acordo com Foucault (2014), constatar “[...] que a disciplina não tem só o sentido de ordem, mas também de normatizar os comportamentos”.

A Educação Infantil municipal seguiu os caminhos das Políticas Públicas do Estado, passando de uma abordagem assistencialista para ações relacionadas à Educação. Com uma visão de desenvolvimento integral da criança, os projetos voltados para a infância (zero a seis/5 anos) tendem, no discurso, a inserir a criança no contexto educacional e social sob a perspectiva do cuidar e do educar, trabalho organizado nos Centros de Educação Infantil municipais.

Para compreender a trajetória da disciplinarização da infância assistida e a identidade da Creche Tia Bira, investigamos as situações que contribuíram para destacar a sua existência e a sua manutenção, percebendo nos detalhes simples e corriqueiros as evidências da constituição de indivíduos úteis que se sujeitavam às práticas desenvolvidas e outros que se rebelavam ao poder exercido pelos adultos. Destacamos uma disciplina não só para impor a ordem do ambiente, mas uma disciplina que queria regular o comportamento de quem vivia na Creche.

As relações de poder aparecem na sociedade de várias formas e podem ser exercidas por qualquer pessoa. Na Creche não foi diferente. O poder foi instituído de várias formas, na obediência –que gerava regalias –, com a própria vitimização –que oportunizava doações com a disciplina dos corpos –, com o discurso e ações que manipulavam as pessoas.

A materialização da Creche Tia Bira e de sua mitificação, pode-se dizer, iniciou em espaço e tempo, com Alzira, apelidada de Tia Bira por seus familiares, quando sua mãe abrigava crianças abandonadas. A morte da mãe e o assumir os irmãos de afeto contribuiu para consolidar a Tia Bira. Nesse processo, Alzira, como identidade, deixou de existir e talvez nem Tia Bira saiba como se deu essa transição, como deixou de ser um nome comum, uma pessoa comum para se tornar a pessoa que recolhia crianças, na maioria filhos/as de prostitutas.

O processo de desmitificação da pessoa Tia Bira e a institucionalização da Creche Tia Bira se deram a partir da intervenção de pessoas da comunidade e das de saber-poder veiculadas na rede microfísica, de que as ações desenvolvidas por Tia Bira não condiziam com as necessidades das pessoas que se abrigavam sob seu teto. Faltava-lhes, conforme o entendimento social intelectual, o saber educacional, o cuidado institucional, a atenção básica à saúde e higiene. Sob essa nova compreensão, iniciou-se o afastamento da Tia Bira do processo, mas a identidade sob a qual ela se confirmou como mito foi mantida. Mudou-se o espaço, o ambiente, as condições, as ações e as normas, mas o nome permaneceu.

O espaço hoje materializado como CEIM Tia Bira possui torres para mostrar segurança, cores fortes para suplantam o cinza representativo da história que se desenvolveu na Creche Tia Bira. Para os egressos, os filhos da Tia Bira, a pessoa e instituição que ela construiu faz-se mito pelas lembranças, pela convivência, pela cumplicidade. Para os alunos que frequentam hoje o CEIM Tia Bira, isso pouco, quase nada representa. Vez ou outra fazem uma visita, juntamente com os professores atuais, mas desconhecem detalhes. Visitam para conhecer a pessoa que o nome da creche homenageia. O processo de desmitificação e de uso do nome está acontecendo dia a dia, outras narrativas estão sendo contadas. Daí a importância de construirmos a genealogia da Creche Tia Bira, para que os leitores formem a própria narrativa sobre espaço e sujeito que compõem parte desta história iniciada em uma casa humilde da Zona de meretrício, cuja existência repercutiu na câmara de vereadores, emocionou filantropo suíço e termina em majestoso prédio em forma de templo.

## Referências

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Editora UFPR, 2000

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari; HORN, Geraldo Balduino. **Orientações para elaboração de projetos e monografias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. **Os Bas-fonds da Educação no Brasil Colonial**. 2001. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba

DIEZ, Carmen Lúcia Fornari. **Práticas sociais e a reeducação do Menor**: construção de um arquivo. 1993. 308 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FOUCAULT, MICHEL. **O sujeito e o poder**. In: Dreyfus H. & Rabinow, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro, Forense universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Org. e Trad. Roberto Machado. [S. l.]: Sabotagem. Disponível em: . Acesso em: 18 mar. 2014.

\_\_\_\_\_. Michel. **Vigiar e punir**. Trad. Raquel Ramallete. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Filosofia analítica da política**. In: Ditos e escritos V. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran D. Barbosa. São Paulo, Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**: na idade clássica. São Paulo : Perspecti-va, 1978, p. 413.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005

SILVA, Marlene Santos. **Atravessando a rua**: uma experiência de reordenamento Institucional Centro de Educação Infantil Tia Bira. Monografia. Florianópolis. UDESC. 1998. Mimeo.

SOUZA, Andréa Aparecida Colla. **Trajetoária do Atendimento à Infância em Lages/SC**: um exame entre as décadas de 1970 a 1990. 2008. 186f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação. Universidade do Planalto Catarinense. Lages, 2008.

TAVARES, Elaine. **Olímpia Gayo visita o Diabo**. Florianópolis: Companhia dos Loucos: IELA, 2013.

ZAGO, Rosemari Binder. **Centro de Educação Infantil Tia Bira - Abrigo**. Monografia (Especialização em Educação Infantil). 2002. 79f. – Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2002.

### Jornais:

JORNAL DIÁRIO CATARINENSE de 14/05/1989/ JORNAL CORREIO LAGEANO de 05 de março de 1989

JORNAL CORREIO LAGEANO 18/05/1989/ JORNAL CORREIO LAGEANO, 03 e 04/03/1990

JORNAL CORREIO LAGEANO de 31/08/1993/ JORNAL CORREIO LAGEANO de 05/09/93

JORNAL CORREIO LAGEANO de 26/10/1993

Recebido em 10 de julho de 2018.  
Aceito em 6 de novembro de 2018.